

CARTA DE REIVINDICAÇÃO

RIBEIRINHOS DO RIO SÃO FRANCISCO

Silga, Três Marias/MG, 13 de dezembro de 2024.

Às Instituições:

Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais

Promotoria de Justiça

Ministério Público do Estado do Estado de Minas Gerais

Prezados,

Nós somos a Comissão dos Ribeirinhos do São Francisco, composta por representantes de todas as comunidades da calha do rio São Francisco em Três Marias/MG, desde a comunidade Aldeia dos Dourados até a Barra do Rio de Janeiro, e Cachoeira Grande até Pontal do Abaeté em São Gonçalo do Abaeté, incluindo as ilhas que na calha também se localizam, todas atingidas pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho em janeiro de 2019. Vivemos às margens do famoso Velho Chico, como muitos carinhosamente costumam chamar.

Escrevemos esta carta no intuito de trazer perguntas e pedidos que consideramos importantes sobre o ERSHRE (Estudo de Risco à Saúde Humana e Risco Ecológico), pois esse estudo impacta diretamente nosso modo de vida ribeirinho, protegido pela Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho). Este estudo é relevante para o processo de reparação, bem como para a nossa vida diária que vem, desde o rompimento da barragem carregada de incertezas em relação ao rio e seus peixes, a terra, as vegetações, e toda a vida que compreende-se dependente do rio para sua existência. É importante, desde já, ressaltarmos que o estudo nos chega na perspectiva de um olhar para as tradições do território, ou seja, de considerar a integração entre território e seus Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), tais que somos.

Recebemos, nos dias 08 de junho e 03 de agosto deste ano, a equipe do Grupo EPA, responsável pela execução da fase 1 do ERSHRE, que realizaram as reuniões de Nível 1 (diálogo com lideranças para apresentação e aceite da pesquisa) e Nível 2 (levantamento de preocupações) respectivamente. Até o momento, sentíamos que não éramos ouvidos no processo, sobre as questões relacionadas à nossa saúde e do meio ambiente, muito menos da nossa tradicionalidade, e finalmente agora, depois de 5 anos, estamos sendo - em alguma medida - ouvidos e conhecidos. Na ocasião destes encontros, reforçamos que precisamos muito deste estudo, pois vemos nele a esperança de obtermos as respostas sobre as dúvidas que vêm desde 2019 nos angustiando.

Contudo, segundo o que nos foi passado em reunião com o EPA, as coletas serão realizadas somente até a área alvo 15, e os resultados que obtiverem deste município, serão considerados como se fossem também do nosso território, sendo simplesmente replicados para onde não se pretende realizar coleta alguma. Desta forma, nós não vamos ser beneficiados com o estudo, não saberemos a verdade sobre como estão as águas, os peixes e tantas vidas que compõem o rio, seremos mais uma vez excluídos da possibilidade de uma reparação justa e integral.

Nós estamos rio abaixo, e se a metodologia do estudo não considerar nossa área prioritária para as análises, porque não tivemos contato direto com o rio Paraopeba, não está justo e os resultados do estudo não serão reais para nossa região, pois a água dele está correndo aqui na beira de nossas casas.

Muitos de nós, ainda bebemos da água do rio, pois moramos também em ilhas, e quando percebemos que a água está com mal cheiro, buscamos de barco com vizinhos, mas nem todo dia dá pra buscar. Ultimamente o solo não está mais fértil, é muito difícil as plantas irem pra frente, estão murchando mais rápido, às vezes fica difícil ter algumas ervas. Antes do rompimento era muito mais produtivo, algumas ervas hoje já não encontramos mais, as samambaias que são nativas, aquáticas, que tinham em toda margem do rio, hoje dificilmente encontramos uma.

Os que praticam pesca subaquática, a maioria está com problema de fígado, boca amargando, pele coçando, depois de 2 ou 3 dias que mergulhou fica com azia, um monte de coisa. Quem vendia muito produto de hortaliça, que os

compradores eram acostumados a pegar com eles, não perdia, plantava todo dia, as pessoas compravam sempre. Abóbora de vazante, elas davam tanto que as cordas iam dentro d'água, ficavam até flutuando. Tomate, tem três anos que não colhemos. Tem algo errado, mas o quê, nós não temos noção. Os mesmos produtos que usávamos, ainda usamos, a água e o esterco, e não funciona mais, sendo que a irrigação é feita com água do São Francisco do mesmo jeito. A matéria prima nossa é o peixe, e hoje existe uma insegurança grande sobre o seu consumo.

Nós somos extremamente afetados, atingidos pelo desastre-crime e ainda não vimos justiça. Destacamos aqui que se o estudo acontecer da forma como está proposta até o momento, ainda não estará considerando o atingimento à nossa tradicionalidade, sendo que esta foi tão pautada na última reunião com o EPA, nos trazendo inclusive grande angústia e tristeza ao rememorar os danos que tivemos por consequência do rompimento.

Apesar do Grupo EPA ter nos consultado sobre de que forma gostaríamos de ser acionados para as atividades do estudo, a pesquisa foi formulada sem haver consulta alguma anterior à própria construção da sua metodologia, sem considerar as particularidades das nossas tradições culturais. Sendo assim, **pedimos que a metodologia nos atenda, ou seja, que realize coletas no nosso território tradicional.**

Para mais, bem como no dia da segunda reunião, reforçamos nessa carta o convite para que os responsáveis pelo estudo nos acompanhem em visita ao rio, podemos levá-los ao leito para entenderem melhor, porque aqui o rio perdeu mais ou menos 50 metros depois do rompimento, fato que podemos mostrar. Podemos indicar os períodos do ano onde observamos maior alteração no meio biótico do São Francisco. A água da represa, se avaliar em junho e julho, não vai dar nada, tem que olhar agora, que está chovendo, movimentando. Em diálogo com os técnicos do EPA, discordamos dos locais apontados para realização dos estudos. Desta forma, **solicitamos que as coletas sejam realizadas em nosso território, nos locais indicados por nós nas reuniões com o Grupo EPA, pois, somos conhecedores e protetores do nosso rio.**

Além disso, temos poços à beira do rio que acreditamos que seria de suma importância serem todos analisados. Nós defendemos e vivemos do rio, e

sabemos que empresas, com seus interesses próprios, também vivem e dependem dele. Nós já vimos profissionais de diferentes empresas fazendo coletas para análises, coletas de peixe e até do ar tem análise. De 2019 a 2022 vimos coletarem folha, casca de árvore, resina, tudo foi colhido. Constantemente observamos a presença de diferentes instituições do setor público e privado realizando coletas, aparentemente para monitoramento, mas sem nunca nos terem fornecido informações sobre os resultados. **Assim, solicitamos acesso às informações sobre análises realizadas no território, independente da empresa ou instituição que os realize.**

Quando teve o rompimento da Vale, a cidade de Três Marias teve um grande afetamento, fizeram todo o Acordo e esqueceram a cidade de Três Marias, fomos os últimos a serem reconhecidos e nós, Povos Tradicionais do rio São Francisco, fomos os que menos puderam acessar qualquer item do Acordo. Portanto, esperamos que na execução do ERSHRE, que é tão importante para o entendimento do maior desastre-crime ambiental do país, sejamos ouvidos a tempo e de maneira justa. Reforçamos novamente a necessidade de uma escuta que de fato considere os saberes tradicionais dos povos, que do rio muito conhecem e tudo dele a vida depende.

Por fim, **solicitamos também que nos seja transmitida uma previsibilidade sobre a execução das próximas fases do estudo, pois não forneceram informações sobre isso.** Nós precisamos de urgência, estamos contando histórias e voltar no passado não resolve, pelo contrário, nos machuca. Precisamos desse estudo e depositamos nele parte da nossa esperança por justiça. Agradecemos e esperamos sermos atendidos.

Em resumo, solicitamos que:

- Que a metodologia nos atenda, ou seja, que considere nossas especificidades enquanto povos tradicionais;
- que as coletas sejam realizadas em nosso território, nos locais indicados por nós nas reuniões com o Grupo EPA, inclusive nos poços artesianos;
- acesso às informações sobre análises realizadas no território, independente da empresa ou instituição que as realize; e

- que nos seja transmitida uma previsibilidade sobre a execução das próximas fases do estudo, pois ainda não nos forneceram informações sobre isso.

Comissão Ribeirinhos do São Francisco.

